

Aquelas horas em que a Troika esteve em parte nenhuma

Author(s):

[Francisco Louçã](#) ^[1]

Show Author Info?:

0

Parece que o correspondente do *Financial Times* foi o jornalista que descobriu que tinha havido um buraco na agenda da delegação da troika em Lisboa ^[2], quando vieram negociar o resgate, pela Páscoa de 2011: os homens tinham desaparecido por um par de horas. O tempo do discreto pequeno-almoço, soube-se depois, foi passado no palácio da *Nova Business School* com alguns economistas lusos e foi um encontro feliz: ?Eles (os da troika) estavam desejosos por ouvir as nossas ideias?, contou em setembro desse ano o diretor da faculdade, José Ferreira Machado. ?Num país pequeno como o nosso, as principais faculdades de economia são em certo sentido co-líderes da nação de um modo que não seria possível nos países maiores?, acrescentou ufano. ?Somos o ponto de encontro das elites de hoje e de amanhã e a nossa obrigação é indicar aos futuros líderes do país as direcções possíveis?, explicou ainda. O resultado é sabido, o Memorando de Entendimento de 2011, que tem ?a marca intelectual da nossa escola?, esclareceu Ferreira Machado ao *Financial Times*.

O diretor escreveu então, no prefácio a um livro com os seus ?co-líderes?, que, ?se levadas a cabo com entusiasmo e rigor, estas reformas mudarão Portugal para melhor? ^[3] e que ?a crise forçou a cooperação e silenciou as reservas sobre este modelo económico?. Do sucesso destas ?reformas?, levadas a cabo com ?entusiasmo e rigor?, já se sabe, e não é com essa questão que venho incomodar os leitores. O que quero sublinhar é a lógica explícita e a lógica implícita desta ?marca intelectual?.

A explícita é o que Passos chamou o empobrecimento. Olivier Blanchard, economista chefe do FMI à época, tinha explicado que, para Portugal, ?a redução dos salários nominais parece exótica, mas é o mesmo na essência que uma desvalorização bem sucedida?, ou uma ?desinflação competitiva?. Para isso, explicava ele, é necessário um ?período sustentado de grande desemprego?, com um ?ajustamento que é provável que seja longo e doloroso?, com ?tantos anos de elevado desemprego quantos necessários para convencer os trabalhadores da necessidade do ajustamento? ^[4]?. Há poucos dias, um grupo de economistas do Banco de Portugal, suponho que incluindo um dos co-líderes que matabichou com a Troika nos idos de 2011, teorizou no mesmo sentido que os contratos coletivos devem ser limitados ^[5], dado que os salários baixos são a boa condição económica. Quando ouvir falar de ?reformas estruturais? já sabe que é disto que se está a tratar, é Padaria Portuguesa.

É claro que tanta agressividade ideológica haveria de ser chamada à pedra. Mesmo dentro do FMI, alguns economistas revelaram o incómodo com a pós-verdade dos co-líderes da

austeridade. Dois deles argumentaram que foi a desigualdade que conduziu à crise [6] e que, portanto, agravar a desigualdade é amargo remédio.

Outros provocaram uma tempestade no FMI ao desmentirem as soluções [7] da 'marca intelectual', suscitando um ralhete [8] do seu chefe. O economista-chefe do Banco de Inglaterra, no mesmo sentido, derreteu a estratégia da austeridade [9]. Ficam os factos a tirar as teimas: a estagnação e portanto a divergência entre economias, a crise permanente das dívidas e o risco de nova recessão dizem tudo.

Mas há também uma lógica implícita nesta 'marca intelectual', que é o cimento do orgulho tribal dos 'co-líderes da nação'. Paul Romer, distinto académico e agora economista-chefe do Banco Mundial, escreveu uma diatribe contra essa 'marca' [10], criticando os erros matemáticos na identificação dos modelos, o arbítrio na definição de causalidade, a convocação de variáveis imaginárias para explicar os acontecimentos, a regressão intelectual desta pós-realidade e o ambiente académico de devoção acrítica pelos co-líderes. Foi uma tempestade [11].

Mas a questão é esta: como é que pessoas inteligentes aceitaram trabalhar com hipóteses tão mirabolantes e blindar os seus modelos em relação à realidade? Uma resposta é a religiosa: converteram-se a uma noção transcendente que afirma que os mercados têm sempre razão porque a razão do comportamento humano é o egoísmo ambicioso. Ora, esta visão totalitária das motivações humanas conduz a uma fantasia perigosa, que promove uma ciência sem regras, como dois colegas meus lembraram há pouco [12], dando o exemplo de revistas científicas que passaram a publicar modelos matemáticos sobre a tortura. Um deles é um 'modelo dinâmico de tortura em que a credibilidade das ameaças e promessas é endógena' [13] e outro discute a 'política de optimização da tortura' [14], à luz desta mundividência em que o mercado de coisas, de emoções e de poderes é sempre o dono de tudo. Passou-se o limiar da vergonha.

Mas isso já era assim lá atrás, quando o palácio dos economistas se entusiasmou com o desemprego de massas por um longo período e com o corte das pensões da segurança social, não é verdade?

Artigo publicado em blogues.publico.pt [15] 7 de fevereiro de 2017

Sumário da Home:

Como é que pessoas inteligentes aceitaram trabalhar com hipóteses tão mirabolantes e blindar os seus modelos em relação à realidade?

Lead:

Como é que pessoas inteligentes aceitaram trabalhar com hipóteses tão mirabolantes e blindar os seus modelos em relação à realidade?

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)

- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

Source URL: <http://www.esquerda.net/en/node/46922>

Links:

- [1] <http://www.esquerda.net/en/node/273>
- [2] <https://www.ft.com/content/ef25c728-de3a-11e0-9fb7-00144feabdc0>
- [3] <http://exed.novasbe.pt/difusao-conhecimento/applied-knowledge/261-memorandum-of-economic-and-financial-policies-11-perspectivasv2>
- [4] http://econpapers.repec.org/article/sprportec/v_3a6_3ay_3a2007_3ai_3a1_3ap_3a1-21.htm
- [5] <https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/papers/wp201702.pdf>
- [6] <https://www.imf.org/external/pubs/ft/wp/2010/wp10268.pdf>
- [7] <http://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2016/06/ostry.htm>
- [8] <http://www.imf.org/external/pubs/ft/survey/so/2016/POL060216A.htm>
- [9] https://www.theguardian.com/business/2017/jan/05/chief-economist-of-bank-of-england-admits-errors?CMP=share_btn_fb
- [10] <https://paulromer.net/wp-content/uploads/2016/09/WP-Trouble.pdf>
- [11] <http://www.dn.pt/opinioao/opinioao-dn/wolfgang-munchau/interior/reformem-o-sistema-economico-agora-ou-os-populistas-fa-lo-ao-5559893.html>
- [12] <http://link.springer.com/article/10.1007/s10272-016-0619-6>
- [13] <http://www.restud.com/paper/torture-and-the-commitment-problem/>
- [14] <http://www.laits.utexas.edu/~mbs31415/TortureJPubE.pdf>
- [15] <http://blogues.publico.pt/tudomenoseconomia/2017/02/07/aquelas-horas-em-que-a-troika-esteve-em-parte-nenhuma/>